

A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO “VALHA, O QUE É ISSO?”: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS FEMINISTAS NA CIDADE DE SOUSA-PB

*Maria Aparecida Elias Pereira¹
Maria Esteffane Pereira da Silva²*

Introdução

O acúmulo das experiências de luta do movimento feminista no Brasil, desde as primeiras ações do século XX, e os novos modos de se relacionar proporcionado pelas mídias sociais vêm contribuindo para a disseminação do feminismo, seja no seu aspecto de mobilização política, com o crescente aumento de experiências coletivas ou enquanto apropriação coletiva do conhecimento sobre o movimento social e político em si.

Relatar sobre a experiência da construção de um coletivo feminista no sertão da Paraíba exige que se observe a combinação estabelecida entre estar inserido na lógica de relações sociais globalizadas, que permite o acesso às informações - ainda que de modo precário pela classe social desfavorecida - e as especificidades de ter as identidades das quais se constitui forjadas numa região geograficamente afastada dos grandes centros urbanos, para onde converge historicamente o “novo”, do qual nos interessa aqui a experiência social transformadora - na qual identificamos o movimento feminista - da ordem patriarcal e conservadora dominante.

O coletivo “Valha, o que é isso?” surgiu em 2014 na cidade de Sousa. Sua primeira ação de mobilização política se deu de forma auto-organizada e mista, onde mulheres e homens de um restrito núcleo de amigos, inquietados em suas vivências individuais pelas opressões a que estão submetidas às minorias sociais, em particular, as mulheres e pessoas não-heterossexuais, perpassadas pelas questões de raça e classe, se reuniram na ideia de ultrapassar as individualidades e trabalhar em torno dessas questões de forma coletiva. Através de articulações com militantes feministas de outras cidades, artistas e estudantes promoveram, em dois dias de dezembro, atividades envolvendo roda de conversa, exposições fotográficas, confecção e distribuição de *fanzines*³, intervenção urbana com *lambe-lambes*⁴, no que ficou “marcado” como momento inicial do coletivo.

¹ Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: aparecidaelias2@gmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: esteffane.p@gmail.com

³ Link: <https://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/tutorial-como-fazer-um-fanzine/>

Assim, o presente artigo propõe analisar a construção do coletivo “Valha, o que é isso?”, movimento feminista com atuação na cidade de Sousa, na Paraíba, a partir dos seguintes aspectos: enquanto parte do processo contemporâneo de crescente difusão do pensamento e teoria feministas pelas mídias sociais; e as implicações de se constituir identidade coletiva feminista, com ações de cunho político/educativo estabelecidas em espaços públicos e instituições educacionais numa cidade localizada no sertão paraibano, com população estimada em torno de 69 mil habitantes e de aspectos político e socioculturais conservadores.

Metodologicamente, as teorias feministas inseridas no campo das ciências sociais, têm convergido para a construção do conhecimento fundamentado nos seguintes pontos: atenção constante à presença do gênero, permeando as relações sociais; crítica aos binarismos, entre os quais a oposição objetividade/subjetividade; afirmação da construção social do conhecimento; constatação da não-neutralidade da ciência, enquanto representação da ideologia de classe, etnia e gênero dominante (SAFFIOTI, 1991). Dessa forma, a partir da última prerrogativa, afirmamos que na construção deste artigo estão destacados os posicionamentos de mulheres cisgênero⁵, pertencentes à classe trabalhadora, de etnia negra e branca, como sendo uma posição discursiva a partir da qual o olhar será colocado sobre o objeto.

quando se abole a oposição objetividade-subjetividade, isto é, quando se entende que o subjetivo se objetiva e que o objetivo se subjetiva, nem sequer importa perguntar se o sujeito conhecedor se distingue do sujeito conhecido. Desaparece, portanto, a dualidade entre o sujeito e o objeto. (SAFFIOTI, 1991, p. 163)

Utilizamos, inicialmente, da revisão bibliográfica para exposição de aspectos julgados importantes para entender o desenvolvimento histórico do movimento feminista no Brasil. Fizemos, também, uma pesquisa documental considerando o cenário local no que diz respeito às formas em que se apresenta o machismo e as demais questões sobre as quais trabalha o coletivo, inclusive, trazendo para a discussão acontecimentos vivenciados por integrantes do coletivo "Valha, o que é isso?", a partir da afirmação da identidade feminista e coletiva, noticiados através de sites e blogs

⁴ Link: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Documents/Guia-pratico-de-como-fazer-lambe-lambes-em-sua-cidade/>

⁵ “Pessoas cisgêneras: pessoas que foram designadas com um gênero ao nascer e se identificam com ele. Sinônimo de cissexual. Abreviado como *cis*.” Fonte: <https://feminismotrans.wordpress.com/2013/03/15/cissexual-cisgenero-e-cissexismo-um-glossario-basico/>

regionais. E a produção de dados foi facilitada também por pesquisa de campo, em que elaboramos entrevistas semiestruturada realizadas com 03 (três) das 09 (nove) integrantes em atividade regular.

Dividido para fins de análise em dois tópicos, o primeiro trata sobre o desenvolvimento histórico do movimento feminista, como este avançou na crítica ao sistema patriarcal utilizando de diversas ferramentas, que incluem a construção de uma teoria crítica feminista e a apropriação dos meios de comunicação tradicionais e alternativos para difusão do pensamento feminista. O segundo momento localiza o movimento feminista na cidade de Sousa, através do coletivo "Valha, o que é isso?", para entender como se deu seu processo de construção e as implicações na realidade local.

O movimento feminista como projeto societário de emancipação humana

O movimento feminista tomado no aspecto universal apresenta três momentos, a que as (os) teóricas (os) chamam de ondas ou fases, cada um deles marcado por especificidades históricas. Em linhas gerais, o primeiro momento corresponde aos séculos XVIII e XIX onde se identifica a “fase universalista, humanista ou das lutas igualitárias pela aquisição dos direitos civis, políticos e sociais” (SCAVONE, 2008, p. 177); um segundo momento é localizado a partir de meados do século XX até o seu final como sendo a “fase diferencialista e/ou essencialista, das lutas pela afirmação das diferenças e da identidade; e a terceira fase, iniciada com o século XXI, é denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que deu apoio às teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades” (SCAVONE, 2008, p. 177). Vale salientar que a divisão histórica por períodos, assim como qualquer periodização histórica, pressupõe uma organização para fins de análise, que corresponde a períodos de maior efervescência e outros de “refluxo” (PINTO, 2003), dentro de uma continuidade histórica não linear.

No Brasil, o feminismo apresenta um desenvolvimento peculiar, marcado pelas contingências de se fazer movimento social e político num país de origem colonial, escravocrata, patriarcal e oligárquico. Assim, as primeiras manifestações do movimento feminista no Brasil, no final do século XIX com o “sufragismo à brasileira” (PINTO, 2003) foram possibilitadas pelas contradições apresentadas no sistema oligárquico/patriarcal vigente que, se de um lado mantinha as mulheres relegadas ao espaço privado, alheias às atividades políticas, por outro, permitia a uma pequena elite

ter acesso à educação formal e ao ideário europeu, onde o feminismo já avançava. Dessa forma, no Brasil:

(...) no interior da oligarquia, a tensão relevante no que diz respeito ao feminismo é a derivada de núcleos familiares de pais cultos: famílias de muitas posses algumas vezes produziam filhos eruditos, detentores de títulos universitários. Praticamente sem exceção, é dentro desses núcleos familiares diferenciados que surgiam as principais vozes femininas contrárias à opressão da mulher (PINTO, 2003, p. 17).

O recorte que está sendo feito da história do feminismo é no sentido de apontar que o movimento feminista foi se desenvolvendo numa crítica ao sistema de dominação masculina enquanto cerne, apontando as violências e entendendo-as como relacionadas ao exercício desigual de poder, desnaturalizando os conceitos, abarcando outros sujeitos. Então se a primeira onda do movimento foi a *práxis* de mulheres brancas e, geralmente pertencentes a elite brasileira, as próprias contradições do sistema dominante, que tem no racismo um dos seus braços, possibilitaram que outros sujeitos fossem ganhando voz. Esses sujeitos, que em nenhum momento podem ser considerados como meros objetos ou “não-sujeitos” - conforme aponta Saffioti (1997, p. 70), analisando que “o sujeito é sujeito porque é capaz de interagir com outros seres humanos e se apropriar dos frutos dessa *práxis*” - passam a expressar suas demandas, a partir de suas condições históricas específicas.

Nesse caminho, chegamos aos anos noventa já fomentando uma pesquisa científica desenvolvida por outros olhares, em um momento em que é importante frisar que outras pautas feministas foram sendo incorporadas, pretendendo uma horizontalidade que só se alcançaria pela crítica e autocrítica. Nisso é revelador o posicionamento de Matos (2008) quando analisa a presença dos estudos de gênero - numa perspectiva feminista - no campo das ciências humanas e sociais, em que o conceito passa a abarcar outras categorias que se transversalizam:

(...) gênero tem tido o papel fundamental nas ciências humanas de denunciar e desmascarar ainda as estruturas modernas de muita opressão colonial, econômica, geracional, racista e sexista, que operam há séculos em espacialidades (espaço) e temporalidades (tempo) distintos da realidade e condição humanas (MATOS, 2008, p. 336)

Enquanto as mulheres, "a duras penas", trabalham na sua organização enquanto gênero - conscientes da necessidade de superação do lugar de "outro" que historicamente ocupam (BEAUVOIR, 1948) - não são poucos os obstáculos que se interpõem à mulher desde antes do nascimento quando é definido que cor de roupas lhe é destinada, que terá mais chances profissionais se buscar realizar trabalhos em áreas específicas ou será uma pessoa realizada se cumprir determinações sociais que incluem casamento e maternidade. Lembremos que estes são exemplos dados por uma mulher branca, lida como heterossexual. De outros lugares sociais, marcados pelas transversalidades referidas, teríamos exemplificações diferenciadas quanto a esse lugar subalterno que a mulher - ou todas as expressões tidas como femininas - ocupa, o qual o movimento feminista não apenas acusa como também propõe a transformação pela "emancipação efetiva dos sujeitos" (CISNE, 2005, p. 8). Essa foi a grande contribuição trazida pela segunda onda do movimento feminista que expôs suas contradições de classe e possibilitou a expansão da representatividade para outros grupos não abarcados satisfatoriamente pelas protagonistas da onda sufragista.

O terceiro momento de destaque do movimento feminista é então o contemporâneo, dos anos noventa adiante, e em face de estarmos imersos torna o terreno mais escorregadio. Assim, o que se propõe a fazer é no campo das reflexões, dos questionamentos e da apropriação do conhecimento que vem sendo desenvolvido. Dessa forma,

a terceira onda do feminismo, ou feminismo contemporâneo, como preferimos denominar, é assinalada através das vertentes que surgem a partir do final da década de 1980 até a atualidade. Este feminismo contemporâneo é configurado a partir da multiplicidade e alastramento do movimento pelo mundo enquanto filosofia política, pela definição heterogênea das opressões e das identidades das mulheres, institucionalização e forte produção acadêmica. (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 2-3)

Sobre o alastramento do movimento, Pinto (2003) chama esse processo que se desenvolve na fase contemporânea de "um feminismo difuso", que se verifica na incorporação de pautas feministas no discurso de públicos diferenciados, que ao incorporar as demandas reagem com menos tolerância a piadas ou conteúdos discriminatórios por questões de gênero, raça/etnia, sexualidade e de outras minorias. Matos (2008, p.339) corrobora com esse pensamento ao apontar que o "feminismo difuso"

foi capaz de fazer com que demandas fossem incorporadas, desta vez, por largas parcelas dos discursos e propostas sociais, políticas e até econômicas na atualidade (inclusive no âmbito do próprio Estado e da sociedade civil).

Nesse processo de difusão do feminismo, um dos aspectos que consideramos importante destacar é a utilização dos meios de comunicação, notadamente a internet, por meio de sites, blogs, redes sociais, como forma de não apenas difundir suas pautas e teorias desenvolvidas, mas construir mobilizações políticas que se realizam na rua, como campo político emblemático do movimento feminista. Essa apropriação dos espaços virtuais é parte do processo que Tomazetti e Brignol (2015) apontam como antiga ferramenta de luta do movimento, que percebeu nos meios de comunicação a capacidade de tornar visível as pautas das mulheres e ao mesmo tempo enfrentar a dominação masculina fortemente encarnada nesses meios.

Nesse campo, destacam-se a produção feminista em jornais como preponderante a partir da década de 70 (PINTO, 2003) e posteriormente outros canais são incorporados, e

em confluência com as potencialidades comunicativas da era digital, o feminismo passa a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 5)

Não é intenção aqui estender a descrição dos instrumentos de comunicação que foram destaque durante o avançar do feminismo no Brasil, pois para fins de análise do contexto atual consideramos necessário mais que descrever as experiências, entender o processo que vincula contextos localizados de construção coletiva e solidária entre mulheres a um contexto global (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015), possibilitado pelas novas ferramentas digitais.

Valha, o que é isso?

Iniciamos essa discussão situando o movimento feminista historicamente para que possamos estabelecer as reflexões acerca do nosso objeto de análise que prescinde de uma visão totalizadora, já que pretende dar conta das particularidades. O coletivo “Valha, o que é isso?” se constrói nesse momento de difusão do feminismo, conforme

apontou Pinto (2003) proporcionado por outros fatores, dentre os quais apontamos o crescente acesso às mídias sociais e do uso destas pelo movimento feminista enquanto ferramenta de difusão de conhecimento e técnica de mobilização, conforme apresentamos no tópico anterior.

É importante saber que não temos conhecimento de muitas pesquisas que se debruçam sobre a dimensão da cultura patriarcal na cidade de Sousa, o que dificulta a apreensão sobre a situação da mulher, de forma geral, e do movimento feminista, em específico, como objetos de estudo nesse contexto. Recentemente, uma pesquisa realizada para conclusão de curso em Serviço Social pela UFCG em 2016 sobre a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher de Sousa mostrou que “o Município não dispõe de outros espaços como Secretarias ou Conselhos que possam promover ações de combate à violência e o desenvolvimento e aplicação das políticas para as mulheres” (LIRA, p. 37). É revelador também o fato da cidade possuir 01 (uma) das 10 (dez) Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher implantadas no Estado da Paraíba, com sede própria desde 2011, onde “o ano de 2015 a DEAM registrou mais de 200 inquéritos de violência doméstica e familiar apenas no município de Sousa.” (LIRA, p. 46), demonstrando que existe uma grande demanda no enfrentamento da violência contra a mulher. A violência é o fim da linha de um processo de naturalização da dominação machista que se forja na cultura e se fortalece, entre outros mecanismos, pelos meios de comunicação locais em que

o mais comum é encontrar matérias sensacionalistas sobre crimes bárbaros que em nada denunciam a violência contra mulher, muito menos contribuem para seu enfrentamento. Tais matérias omitem o espectro do sexismo por trás dos crimes, chegando muitas vezes a romantizar a violência ao invés de denunciá-la (LIRA, 2016, p. 36).

As violências relatadas pelas entrevistadas, sofridas diretamente ou por familiares, amigas e conhecidas demonstram que as estatísticas policiais - embora assustadoras - ainda são bem menores que a violência real que as mulheres paraibanas sofrem e não registram pela vergonha e o medo da violência e cultura machistas generalizadas. É importante também marcar que a Paraíba é o terceiro estado em feminicídios do Brasil, com base na capital, conforme Mapa da Violência 2015⁶.

⁶ Link: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

Com essa clareza na feitura do trabalho, para tecer nossa análise, desenvolvemos uma entrevista baseada nas seguintes perguntas:

- Como você percebe o machismo em Sousa? Onde se revela?
- Como se deu sua construção da consciência feminista individual e coletiva? Quais instrumentos ou meios? Teve inspiração em outros movimentos sociais locais?
- Percebe alguma modificação no cenário local quanto ao enfrentamento ao machismo via fortalecimento do movimento feminista? Acredita ter relação com as ações do coletivo?
- Sofreu algum tipo de violência ou discriminação, especificamente, por ser feminista e militante?

Assim, aponta a Entrevistada 01 quando relata que todas as mulheres do seu convívio familiar, dentre as quais a mesma se inclui, e várias outras do círculo próximo sofreu ou ainda sofre das violências abarcadas pela Lei 11.340/06 - Lei Maria da Penha - e, às vezes, em mais de uma das cinco formas descritas⁷. Na mesma perspectiva a Entrevistada 03 passou a visualizar atitudes machistas disfarçadas de gentileza que subestimam as capacidades da mulher, como, por exemplo, quando começou a dirigir veículo e sentiu o desconforto de ser, repetidas vezes, interpelada por homens que a “ajudavam” a estacionar, sem que fossem solicitados. Outro relato tratou de demonstrar como o machismo ligado à lesbofobia e ao racismo afetaram dolorosamente a vida da entrevistada, principalmente dentro da família (Entrevistada 02).

Dessa forma, os dados da pesquisa revelaram que a inquietação gerada pela materialidade do machismo na vida de cada uma, somada à experiência contemporânea de globalização, em que as redes virtuais estão inseridas, proporcionou o encontro dessas mulheres com o feminismo enquanto filosofia política, entendendo que a apropriação desse conhecimento capaz de transformar a realidade pela atividade constante do “sujeito-objeto [...] não se trata de pensar um conjunto de fatores externos ao sujeito como condicionantes de sua construção” (SAFFIOTI, 1997).

Importante salientar que a cidade de Sousa não possui experiências históricas relevantes de mobilização coletiva para além dos modos oficiais - partidos políticos - contando apenas com a atuação do Movimento dos Sem-Terra (MST). A Entrevistada

⁷ Os incisos I a V do artigo 7º da Lei 11.340/06 dispõem que são formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

01 não conhece fortes incidências do movimento estudantil, citando apenas a recente organização de um coletivo cultural - Coletivo Estação⁸ - criado em 2011, mas que não realiza atividades desde 2014, conforme se observa em sua página no *Facebook*.

Somente este ano se estabeleceu um núcleo do movimento Levante Popular da Juventude⁹, no qual participam concomitantemente duas integrantes do coletivo "Valha, o que é isso?" e esse contato, segundo a Entrevistada 01, permite haver o diálogo entre as militâncias através dos membros e das perspectivas políticas em comum, entre elas o enfrentamento ao machismo e discriminações relativas à sexualidade. Como se verificou, por exemplo, no ato de repúdio à visita do pastor e deputado Marco Feliciano e do Presidente do Partido Social Cristão (PSC), Pastor Everaldo - amplamente conhecidos por suas posturas machistas, racistas e homofóbicas - no dia 10 de julho de 2016, na ocasião das festividades promovidas pela prefeitura em comemoração da emancipação política da cidade de Sousa.

Nesse sentido, o coletivo "Valha, o que é isso?", apesar de não se vincular a outros movimento de mulheres, busca no contato com movimentos estabelecidos no Brasil, entre eles a Marcha Mundial de Mulheres - MMM¹⁰, apreender conhecimentos sobre as discussões, pautas reivindicatórias, modos de organização, entre outros pontos, como esclarece a Entrevistada 01:

O coletivo não se vincula a outros movimentos, mas tem influências de outros movimentos, como o Levante Popular que algumas integrantes do Valha também fazem parte e elas trazem outras ideias, posições, maneiras de trabalhar. E tem a MMM, a gente sempre tá mais ou menos atenta ao que elas estão propondo e fazendo e o resto a gente vai acompanhando pelas mídias mesmo.

Sobre outros suportes materiais mencionados como importantes na construção que parte da identidade individual para a coletiva - Saffioti (1997) aponta esse processo em termos de “dialética entre o ser singular e o ser genérico” - todas as entrevistadas

⁸ Em sua página no *Facebook* o Coletivo Estação se inscreve no objetivo produzir arte e promover a integração entre as manifestações artísticas independentes. Fonte: <https://www.facebook.com/ColetivoEstacao/>

⁹ Link: <https://www.facebook.com/LevantePopulardaJuventudeSousa/>

¹⁰ Movimento presente internet em vários endereços. Links: <http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/>
<https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil>
<https://marchamulheres.wordpress.com/>

destacaram a participação do Centro Cultural Banco do Nordeste¹¹ que, ao circular cultura produzida pelo Brasil e alguns países latino-americanos, proporcionou o diálogo entre o público usuário, no qual se encontram as entrevistadas, com questões de gênero, sexualidade, racismo e ampliando o contato com a arte e cultura em geral, numa cidade onde elas não destacaram nenhum outro espaço que circule cultura desvinculada de uma exclusividade mercadológica, o contato com o CCBNB permitiu que novos horizontes e percepções se desnudassem.

Além desse espaço, referiram-se ao citado Coletivo Estação como ambiente de encontro e circulação das ideias que as inquietavam, identificadas mais adiante como feministas. A internet foi abordada por todas as entrevistadas como espaço de formação do conhecimento, inicialmente, assim como aponta a fala da Entrevistada 03 quando narra que teve informação sobre *blogs* e textos feministas através da amiga que mais tarde se tornou companheira de coletivo. Além dos textos, também relata a importância da internet no acesso a cantoras “tipo Karol Conka” (Entrevistada 03) que faz músicas sobre empoderamento feminino.

Assim a formação da consciência crítica individual se deu gradativamente, a partir das vivências particulares de opressão machista, que em conversas compartilhadas com outras mulheres que já estavam tendo acesso ao conhecimento produzido e compartilhado pelo movimento feminista e/ou mulheres feministas foram gerando a percepção de que por afinidade de ideias poderiam se considerar feministas, como indica o trecho a seguir:

A partir de 2012, mais ou menos, que feminismo começou a ser muito presente nas redes sociais, no facebook, e comecei a acompanhar os blogs, foi quando descobri Lola¹². A questão do aborto, comecei a ler sobre isso porque sempre foi um tabu né, aí ficava tentando entender e como não queria ter menino (sic)...e se acontecer? aí comecei a ler essas coisas. (Entrevistada 01)

A Entrevistada 03 aponta um aspecto bastante interessante do movimento feminista que se reflete na prática do coletivo “Valha, o que é isso?”, quando afirma que basicamente tudo que sabe sobre os conceitos, as teorias desenvolvidas, foi apreendido na prática coletiva de outros movimentos sociais aos quais fez parte em Campina Grande. Então, de modo diverso, proporcionado pela vivência de cada uma, foram

¹¹ Espaço de apreciação de arte, cultura e formação de plateia, com programação diária e gratuita. Instalado na cidade de Sousa desde 2007. Fonte: <http://www.bnb.gov.br/centro-cultural-sousa>

¹² Link: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

incorporando os conceitos, aprendendo a identificar as opressões denunciadas desde as primeiras ações do movimento feminista nas práticas cotidianas de violência e opressão naturalizadas. Nesse momento de apropriação da consciência de classe, gênero e raça/etnia, Saffioti (1997) entende que não há interesses em comum entre os seres singulares, embora estejam ligados ao sujeito particular podem representar os anseios de um grupo ao qual se identificam, é então que se dá a “realização do ser genérico”,

ele representa a possibilidade de o ser singular incorporar a práxis, a defesa dos interesses de sua categoria. Ressalte-se que o interesse é sempre particular, na medida em que o interesse comum ou geral é uma ficção numa sociedade plena de clivagens. (SAFFIOTI, 1997, p. 65)

Consideramos importante também explicar a originalidade do nome “Valha, o que é isso?”, que remete a duas caracterizações que inscrevem sentido na construção da identidade coletiva, a primeira diz respeito à territorialidade sertaneja, representada numa gíria - valha! - que representa espanto diante do desconhecido, a segunda resulta na diferenciação, no estranhamento que insere o coletivo no lugar do “outro”, como algo a se temer, afastar e/ou escarnecer, tomada como estratégia que visa aproximar as pessoas pela curiosidade e a partir dessa aproximação tentar estabelecer um diálogo capaz de desconstruir preconceitos enraizados pela naturalização de modelos engessados de vivenciar gênero e sexualidade, por exemplo. Destacamos que no processo de desenvolvimento, o coletivo deixou de ser um movimento misto em sua auto-organização, ao passo que as integrantes perceberam a necessidade de afirmação do sujeito mulher no movimento feminista, sem, no entanto, se desvincular das articulações com as demais militâncias políticas que apoiam o movimento feminista, isso também foi enfatizado pela Entrevistada 01. Nesse sentido, Cisne (2014, p.152) explica:

Quando falamos, portanto, em consciência militante feminista, referimo-nos, primeiramente, à percepção da mulher como sujeito de direitos, o que exige a ruptura com as mais variadas formas de apropriação e alienação dela decorrentes, especialmente a ruptura com a naturalização da subserviência que lhe é socialmente atribuída. Apenas assim podemos chegar à dimensão coletiva da consciência militante que, para nós, é possibilitada pelos movimentos de mulheres.

Diante disso, as entrevistas revelaram a existência de um movimento de transformação social dialético. De um lado, marcado pela construção da consciência feminista e militante das integrantes do coletivo, e, do outro, pelo crescente número de mulheres, jovens e estudantes, que se identificam enquanto feministas, ainda que não estejam organizadas e de outras mulheres influenciadas pelo feminismo no seu cotidiano. Vale ressaltar um aspecto relatado pela Entrevistada 01 que diz respeito ao preconceito sedimentado na sociedade contra os movimentos sociais em geral, contribuindo para o distanciamento entre estes e a sociedade civil. A Entrevistada 01 afirma que é muito comum opiniões que não visualizam a necessidade do movimento feminista e são contra o movimento em si: “pela própria recusa que às vezes a gente tem de feminismo, de achar que ‘para que uma luta de mulheres se a gente já conquistou tudo?’”. Este preconceito é fruto, talvez, da ignorância e/ou superficialidade no conhecimento da história dos movimentos sociais nos níveis da educação básica, como explica, ainda, a Entrevistada 01:

Se eu pensar, por exemplo, quando eu estava no ensino médio nenhum professor falou sobre feminismo ou movimento LGBT. Hoje eu sei que fala, seja pra esculhambar ou dizer que é legal, mas sei que fala. Você vê meninas de 15, 14, 13 anos se posicionando enquanto feministas, eu nessa idade nem sabia que existia, não fazia ideia, se via era uma coisa ligeira pela televisão e imaginava que tinha sido um movimento que aconteceu quando as mulheres estavam lutando por voto e acabou naquele tempo.

Corroborando com esse pensamento, a Entrevistada 02 também vislumbra transformações sociais que refletem uma maior apropriação dos conceitos e da subjetivação feministas:

Acho que tem muitas mulheres que necessariamente não se denominam feministas, inclusive em Sousa, mas que têm visões parecidas ou bastante semelhantes. Só que às vezes por falta de conhecimento, ou por não saber conceituar, não se consideram feministas de fato, mas eu acredito assim: o feminismo chega muito perto de jovens e adolescente e eu acho que é um ponto massa (sic) e crucial...pro sertão é uma coisa já que você dá pra ver.

Em questão de organização feminista coletiva na cidade, as entrevistadas apontam duas questões interessantes: de um lado a dificuldade das mulheres se afirmarem feministas e participarem da luta é reforçada pelos julgamentos sociais e

preconceitos, conforme mencionamos anteriormente, vindos dos grupos sociais nos quais se insere o sujeito, como afirma a Entrevistada 02:

É meio difícil pra essas mulheres virem, porque no sertão ainda tem essa resistência, elas podem até dizer “ah, isso é massa, eu sou uma feminista”, mas aí quando você diz que é feminista dentro da família, eles já têm aquela visão “vixe, agora vai virar isso, vai fazer aquilo” e todos os tabus que têm com mulheres feministas. Por isso que eu acho mais difícil que essas mulheres se desenraizem da família em si, que saiam e que lutem.

Por outro lado, a Entrevistada 01 refletindo sobre a participação do "Valha, o que é isso?" no cenário local, imagina que as ações, eminentemente de cunho pedagógico, desenvolvidas por um coletivo novo nas temáticas abordadas, embora não seja capaz de arriscar palpite quanto ao raio de alcance dessas ações, acredita que podem influenciar

no sentido da organização, das pessoas poderem pensar em se organizar para poder fazer uma coisa e dizer: “acho que a gente pode fazer porque se a gente levar nome de doida, aquelas meninas já levam, então vai ficar tudo bem”, então as influências é mais na questão da organização, se as ações chegaram até onde a gente planejava ou esperava que chegassem aí não sei, não tem como saber agora.

A esse processo de fortalecimento do feminismo, seja no aspecto de organização coletiva ou de difusão do pensamento, se observa um movimento contrário de reação conservadora. Essa resposta identifica nos sujeitos que lutam pela equidade de gênero uma ameaça à sociedade como está posta. Esta reação pode se verificar de variadas formas, conforme abordaram as entrevistadas, por meio de piadas e provocações ouvidas nas ruas, na universidade, no trabalho e ainda por atitudes extremas com o uso da violência física e psicológica. Nesse sentido, segundo a Entrevistada 01:

Comigo não aconteceu uma coisa grave como aconteceu com E* que foi...que chegou num momento de violência. Dois homens, do nada, chegaram numa moto, no meio da rua e derrubaram ela no chão e chamaram “sua feminista nojenta¹³” e ela é muito estigmatizada no colégio.

¹³ A agressão e ameaça de estupro sofridas por uma das integrantes do coletivo “Valha, o que é isso?” foram notícias em alguns sites de Sousa e região, assim como denunciada pela vítima no *Facebook*. Link: <http://www.sertaoinformado.com.br/portal/p.php?pagina=viewnot&id=481>
<http://www.angelolima.com/2016/07/jovem-e-perseguida-jogada-ao-chao-e.html>

Os poderes públicos sousenses também agem pela manutenção da ordem conservadora e patriarcal e, nessa medida, são responsáveis pelas violências dela oriundas. A câmara de vereadores da cidade de Sousa composta, exclusivamente, por homens¹⁴ votou no ano de 2015, seguindo os passos do Congresso Nacional¹⁵, pela exclusão do conceito de gênero no Plano Municipal de Educação, votação recebida com euforia pelos setores tradicionais, revelando o descuido com a laicidade do Estado, observado na vinculação às crenças cristãs dos argumentos apresentados pelos vereadores¹⁶.

Encarando todo o exposto como um processo dialético vivenciado nas relações sociais, a Entrevistada 01 observa que “quando você muda, a situação não é mais a mesma” e esse aspecto é teorizado por Saffioti (1991) quando visualiza um outro modo de “revolução social”:

mais lenta, mas mais seguramente, talvez ela possa ser feita através de meandros em que se constituem os micropoderes, as diferentes formas de resistência e as atitudes conscientes ou inconscientes de sabotagem do status quo. A julgar pelas mudanças provocadas pelos múltiplos movimentos feministas, este tipo de revolução, que se poderia chamar de “revolução cotidiana”, já conquistou seu lugar na história. (SAFFIOTI, 1991, p. 161)

Para esse fim, reforçamos a importância da escuta ativa das integrantes do “Valha, o que é isso?” quanto às próprias reflexões realizadas no fazer coletivo, de modo que possam verbalizar a avaliação do que foi realizado e a objetivação das ações futuras.

Considerações finais

A realização deste trabalho é parte das inquietações que acometem as pesquisadoras, assim como as integrantes do coletivo “Valha, o que é isso?”. A trajetória que levou a mulher ao conhecimento científico, nos moldes de uma epistemologia machista, é bastante recente se comparada a do homem. A História

¹⁴ Link: <http://www.camarasousa.pb.gov.br/site/index.php/vereadores>

¹⁵ <http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/08/11/o-que-e-a-ideologia-de-genero-que-foi-banida-dos-planos-de-educacao-afinal.htm>

¹⁶ Link: <http://conscienciacristanews.com.br/camara-dos-vereadores-de-sousa-pb-rejeita-a-inclusao-da-ideologia-de-genero-nas-escolas/>

relegou a mulher a um local secundário, marginal, com poucas personagens femininas e sem protagonismos. O que fizemos, o que narramos, o que sentimos, como olhamos e interpretamos o mundo são formas de conhecer conquistadas depois de estimável tempo de luta, cujo resultado datam de menos de um século. Estamos falando de História da Humanidade. Sousa, no sertão da Paraíba, organizada em cidade por apenas 167 anos é o cenário da história de vida dessas mulheres entrevistadas, das mulheres pesquisadoras que elaboraram esse artigo e de mais de 30 mil outras¹⁷. Saber sobre nós, de todas as formas que nos inquietam saber, é uma necessidade. E é isso o que o movimento feminista vem fazendo, ou ainda, é isso que mulheres feministas vêm fazendo: somos protagonistas e estamos contando nossa própria história.

Certamente muitos aspectos deixaram de ser observados e isso não chega a ser considerado falha, mas instiga para que outras inquietações sejam reveladas, em um futuro aprofundamento dessa pesquisa, por exemplo. Procuramos trabalhar na perspectiva de que o coletivo "Valha, o que é isso?" é parte do processo de um feminismo macro que escorre pelas brechas das estruturas de poder e chega a lugares longínquos, e isso se realiza ao mesmo tempo que um feminismo local se constrói social e individualmente, ainda que não se nomeie, que não saiba que os enfrentamentos diários à supressão da liberdade da mulher realizada pelo machismo também se chama feminismo.

E acreditando que a transformação que se realiza no contemporâneo seja impossível de deter ou precisar quanto aos seus reflexos futuros, apostamos na ideia de que mesmo o fazer científico esteja em pleno processo de transformação para o que se poderia chamar de epistemologia feminista, conforme questionamento de Scavone (2008) sobre ser “os estudos de gênero, uma sociologia feminista?” capaz de “tornar transparente as implicações sociais e política de um progresso que esconde, em sua promessa de perfeição, uma sociedade sexista (além disso, racista e classista) seria um dos objetivos da sociologia feminista” (SCAVONE, 2008).

Dessa forma, este trabalho seguiu a lógica do movimento feminista quando em sua crítica se exigiu ouvir as mulheres no que se assemelham e no que se diferem. Mulheres de outras classes, outras raças, outras idades, outros corpos, outras necessidades. Seguramente, sabemos que nem todas puderam ser ouvidas neste trabalho. Muitas ainda não foram e ainda não são: aquelas que a pobreza encerra em

¹⁷ Segundo dados do IBGE de 2010, as mulheres representam 51, 68% da população total. Link: http://populacao.net.br/populacao-sousa_pb.html

suas grades, aquelas que se constroem em entrar em espaços que são tão bem aproveitados por mulheres brancas ou mulheres com vaginas. Mas é novo “ler” a voz da sertaneja, captar suas dores, dissabores, que também é voz de vitalidade, alegria e luta. Que esse artigo se configure como um entre muitos outros que virão para inscrever e instituir o lugar da mulher - mulher paraibana, mulher sertaneja, mulher sousense - na História.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 12. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. v.1.
- CISNE, Mirla. **Marxismo: uma teoria indispensável à luta feminista**. Anais IV Colóquio Internacional Marx e Engels, 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c6.PDF>. Acesso em: 15 jun. 2016
- _____. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.
- LIRA, Francisca Cibele de Brito. **Afasta de mim esse cale-se: A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Sousa/PB e o Enfrentamento à Violência de Gênero**. Sousa: UFCG, 2016 (Monografia de Graduação em Serviço Social)
- MATOS, Marlise. **Teorias e Gênero ou Teorias de gênero?** Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. Revista Estudos Feministas, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200003>. Acesso em 14 set. 2016
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero**. In: MORAES SILVA, Maria Aparecida de (org.). Mulher em seis tempos - Seminário Temático II. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1991.
- _____. **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade**. Revista Lutas Sociais. n.2, 1997. Disponível em: http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v2_artigo_saffioti.pdf. Acesso em: 03 set. 2016.
- SCAVONE, Lucila. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** Revistas Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1): 173-186, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>. Acesso: 12/08/2016
- TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. **O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital**, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/historia-da-midia-digital/o-feminismo-contemporaneo-a-re-configuracao-de-um-terreno-comunicativo-para-as-politicas-de-genero-na-era-digital/view>. Acesso em: 20 set. 2016.